

**Ataque** ReportagemReportagem **Ataque**

**Emanuel Carneiro**  
emmanuelcp@gmail.com

► Claro que é uma hipóbole, mas serve irrepresivelmente para sublinhar a rivalidade entre as dezenas de equipas plantadas em Vila Nova de Gaia. "Os clubes juntam-se? É uma guerra civil". João Vilaverde tem direito e obrigação de saber o que diz. É presidente do Clube Futebol de Perosinho, que promove, hoje, um jantar de gala alusivo aos 70 anos da coletividade, feitos no passado domingo.

A individualidade do atual 10.º classificado da Série 1 da 1.ª Divisão da Associação de Futebol do Porto sai reforçada pela clareza e extensão das recordações de um trio de antigos futebolistas da casa, os quais, enquanto sócios, participam ativamente no quotidiano do clube.

Adriano Castro, de 73 anos, e Luís Capela, duas décadas de meses mais velho, lembram com particular entusiasmo a época 1962-63, em que ajustaram o Perosinho, então a desfilir pela 1.ª Divisão distrital, a apurar-se para a fase final, onde conseguiu o invejável registo de nove vitórias com um empate. Obviamente, foram campeões.

Um dos centrais era Adriano - "só jogava no Perosinho" -, Luis marcava golos e penalís. O danterino chegou "a treinar no F. C. Porto, mas não quis ser profissional".

Por seu lado, João Vilaverde destaca a temporada 1976-77, em que aconteceu a subida à 2.ª Divisão Nacional. "Foi no dia em que o meu pai morreu". Os galegos mantiveram-se apenas uma época no escalão.

Luis Capela recupera outro momento determinante, sustentado em recortes de jornais da altura e tudo. Nos idos da década de 40, o Perosinho venceu o Campeonato Popular.

João Fernandes, alojado em 81 anos bem conservados - condição extensiva aos companheiros de história - recupera os contrastes das medalhas e relembra uma situação enfiada entre a morbidez e o humor. "Num jogo em Serrado, puseram um caixão no campo. Depois, ao vitmos embora, havia velas acesas ao longo das ruas".

Regresso ao futuro. "Temos cerca de 300 atletas, distribuídos por futebol, balhar, hóquei em patins e em campo", revela o dirigente, salvaguardando que são duas últimas modalidades não esportivas representadas em provas oficiais.

O afeto é a rosa, a gestão é o espírito. "Temos muita publicidade no estádio. Sem ela, era impossível cumprir". Além disso, há um apoio da junta de freguesia e das quotas das associações e atletas.

Curiosamente, o "número de sócios tem aumentado". E existe uma estratégia para solidificar a ascensão. "Incentivamos os pais dos jogadores a quotarem-se e os atletas antigos estão a promover a mística do clube, para, assim, recuperar ex-sócios".

No começo do Perosinho, muita gente da freguesia envolvia-se. Vinham camionetas e camionetas de assistentes", relembra Luis Capela, que aponta o próprio exemplo de empenhamento. "Fui eu que consegui trazer estádio para aqui e sou autor do projeto".

João Vilaverde, que representou o Perosinho no hóquei em campo, conta que os jogadores eram poucos e as assistências são muito reduzidas e, portanto, as receitas são diminutas. Lá as taxas de jogo e de policiamento são exorbitantes.

"Tem pena" de o clube estar na divisão em que elas são o objetivo principal do presidente é "estabilizar financeiramente" a coletividade. "Se tivéssemos as regalias que os outros têm...", lança, antes de exemplificar com "1500 euros de luz por mês" o nível das despesas que tem de ser enfrentadas.

Entretanto, Luis Capela propõe mais uma viagem no carrossel da memória. "Quando eu jogava, podia imaginar-se jogadores ao longo de toda a época". Bizarrão, no mínimo. ■

**Coletividade acolhe cerca de 300 atletas, em duas modalidades oficiais e duas oficiosas**

**CAMPEÃO NO F. C. PORTO SOB O TALENTO DE PEDRITO**

Era Fernando Carvalho juvenil no Perosinho e a colcha perséguo-o, na forma metafórica de dragões e algas. O próprio passa a explicar. "Estive dois anos no Perosinho. No primeiro, o F. C. Porto já queria que eu fosse para lá, mas não quis. No segundo, fui, para os juniores. Vieram buscar-me porque eu ia treinar ao Benfica". "Morou" nas Antas entre 1973 e 1978.

Nas camadas jovens, privou com um dos mais famosos treinadores da formação portista - António Feliciano. Depois, "obedeceu" a Amore Moreira, Monteiro da Costa, Branko Stankovic e Pedrito. José Maria Pedrito. "Fui campeão nacional em 1978/79", salienta o antigo médio. É a "medalha" mais robusta, a par do estatuto de internacional, feito alcançado ao serviço da seleção nacional de juniores. Cinquenta e nove anos já vão dando direito ao cliché "no meu tempo". O maior ordenado que teve no F. C. Porto foi 40 contos (cerca de 200 euros). "Em termos absolutos, chegou aos 130 [à volta de 650 euros]". Após o título, levou a carreira para o Varzim, Espinho ("estive lá sete anos"), União da Madeira, Teamunidade, União de Leiria, Dragões Sandinenses e Pedrouços. Diga-se, em abono do jogador, que faltam alguns clubes, ausência patrocinada pela memória seletiva de Fernando Carvalho, que não valoriza certas aventuras. No clube mais malto, trabalhou com Moínhos, avançando para o provencional algumas alegrias aos adeptos benfiquistas na década de 70.

Poderia ter começado ali uma carreira de treinador. Mas não aconteceu. "Em várias equipas, como era o mais experiente, acabava por organizar as coisas dentro do campo". ■

**Carrossel de memórias com direito a 70 voltas**

Clube Futebol de Perosinho, de Vila Nova de Gaia, atualmente na 1.ª Divisão distrital da A. F. Porto, promove, hoje, jantar de gala para celebrar o aniversário